

## Universidade e o "capitalismo acadêmico"



Fotos: FRANONIE CADORE

O presidente do ANDES- Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior, Paulo Rizzo, disse no dia 30 de novembro, durante o seminário "As fundações de apoio e o futuro da universidade pública", em Santa Maria, que existe hoje nas universidades públicas uma espécie de "capitalismo acadêmico", através do qual tudo pode ser "vendido". E, segundo ele, as fundações "ditas" de apoio cumprem papel fundamental nesse contexto. É através dessas instituições, que são privadas, mas que dizem não ter fins lucrativos, que passam recursos públicos que, por sua vez, são apropriados de forma individual. "Não há recurso privado entrando na universidade, ao contrário, é recurso público que está sendo apropriado pelo setor privado", afirma Rizzo. O evento foi promovido pela SEDUFMS, ASSUFMS, DCE e Movimento Estudantil da UFSM.

Paulo Rizzo fez durante sua palestra uma acusação ainda mais contundente. Segundo ele, um dirigente de universidade (Reitor), atualmente, se elege com recursos das fundações. Ou seja, as fundações teriam assumido *status* de financiadoras de campanhas eleitorais à reitoria. "O poder agora está sendo conquistado através das fundações". Em relação a essa afirmativa do dirigente do ANDES-SN, o representante da reitoria da UFSM na mesa, professor João Rodolpho Flores, que é pró-reitor adjunto de Extensão, negou que a candidatura de Clovis Lima e Felipe Muller (atuais dirigentes), em 2005, tenha tido recurso advindo das fundações de apoio.

O pró-reitor adjunto de Extensão falou durante sua exposição que num primeiro momento, a intenção da atual Administração da UFSM é "descartar relações com as fundações privadas". Entretanto, segundo ele, é preciso enfrentar as situações já existentes. Na condição de integrante do conselho de uma das fundações, João Rodolpho diz que alertava para os problemas há algum tempo. Entre os aspectos que ele considera complicado está o de que, muitas vezes, as fundações fazem um "sombreamento" à própria pró-reitoria de Extensão, ou seja, projetos que não são

Rizzo (microfone) criticou duramente o papel atual das fundações de apoio

aprovados pela via institucional, acabam parando na fundação. Segundo João Rodolpho Flores, é decisão da atual Reitoria fazer uma auditoria de todos os projetos existentes nas fundações. Foi bastante enfático ao dizer que a "universidade tem responsabilidade sim em relação aos problemas gerados pelas fundações".

**FASUBRA-** Participou também do seminário na mesa de discussões, o coordenador geral da Federação dos Servidores das Universidades (Fasubra), Luis Antonio da Silva Araújo. A intervenção do sindicalista teve o objetivo de contrapor a idéia posta pelo governo federal de transformar os hospitais universitários em fundações estatais de direito privado. Conforme o coordenador da Fasubra, esse novo conceito criado pelo governo não tem sentido, pois seria apenas uma forma de falsear que o governo está se desobrigando em relação a esses hospitais de ensino. A coordenadora de educação da Fasubra, Janine Ribeiro, também fez uma exposição totalmente contrária à idéia de "fundação estatal de direito privado". Segundo ela, de forma nenhuma a saída é os hospitais universitários venderem seus serviços e depois ainda aplicarem seus recursos no mercado financeiro. Dentre as outras conseqüências negativas, ela destaca que seria derrubado o Regime Jurídico Único para os funcionários dessas instituições, passando todos a serem contratados pelo regime da CLT. Ainda conforme a lei proposta, é flexibilizado o processo de licitação e as fundações estatais deixam de contribuir para a seguridade social, ganhando imunidade tributária.

## A vida sem uma Fundação



Marinalva Oliveira, da UNIFAP

A polêmica sobre as fundações de apoio vem de muitos anos. Fala-se que o papel assumido por elas acabou por gerar a privatização por dentro das universidades federais. No entanto, a principal alegação de quem defende essas entidades é de que a universidade não tem como sobreviver sem elas. No entanto, a professora Marinalva Silva Oliveira, da Universidade Federal do Amapá, no mínimo colocou em xeque o pensamento daqueles que consideram as fundações imprescindíveis.

Segundo Marinalva, apesar do argumento constante de que não se pode sobreviver sem as fundações, na UNIFAP isso está sendo possível há dois anos. Conforme a docente, a FINEP (financiadora de projetos), coloca claramente que se pode fazer a opção entre mandar o recurso através de uma fundação ou para a conta da universidade. No caso do CNPq, a verba

vai diretamente para a conta do pesquisador. No caso dos fundos setoriais de financiamento à pesquisa, a situação é similar a da FINEP, ou seja, se pode optar entre o recurso ser enviado através da fundação ou ir para a conta da universidade. "É possível sim viver sem fundação de apoio", garantiu enfaticamente.

Uma das importantes participações no seminário do dia 30 de novembro foi a do estudante de Odontologia, César Bergoli. Ele foi responsável pelo "parecer de vistas" apresentado junto ao Conselho Universitário, em 23 de abril de 2006, no qual solicitava que não fosse aprovado o balanço patrimonial e demonstrações financeiras de 2006 da FATEC antes de ser exigida a análise da documentação por parte do Tribunal de Contas da União (TCU) e Ministério Público. Desconsiderado em sua posição, Bergoli acabou por antecipar um dos maiores escândalos protagonizados em Santa Maria, envolvendo FATEC e Departamento Estadual de Trânsito (Detran).



Adriano Figueiró, 37, departamento de Geociências do CCNE.

"Na minha avaliação esse instrumento jurídico tentado pela Reitoria é a sinalização clara da ausência do diálogo. É a manifestação da força jurídica que tenta calar a discussão dentro da Universidade. Isso é lamentável por uma Reitoria que foi eleita e expôs democraticamente o seu plano de gestão e infelizmente reprime os movimentos sociais, cala a voz das categorias,

justamente porque sabe que a maior parte das categorias é contrária ao projeto proposto para o REUNI, porque entendem que desqualifica a Universidade, enquanto ensino, pesquisa e extensão. Portanto, a Reitoria usou desse artifício para impedir a livre manifestação".

Wilson Severo da Rosa, 48, secretário executivo do Núcleo Antártico do CCNE, coordenador geral da ASSUFMS.

"Esse assunto foi uma surpresa pra mim. Na verdade eu levei um choque em relação à democracia dentro da nossa Universidade. Eu tenho 27 anos de Universidade, desde a época da ditadura militar, sempre fizemos manifestações das mais expressivas dentro da instituição. Sempre fizemos greves, assembleias, inclusive ao ar livre, trancamento do arco, manifestações pacíficas e políticas em prol da nossa categoria. Foi uma decepção para essa gestão que até então, parecia extremamente democrática, mas se mostrou pior que o regime militar. Eu não esperava dessa gestão do professor Lima e Felipe, que voltasse pior que os tempos da ditadura, porque nem naquela época nós tivemos uma proibição de alunos, funcionários e professores se organizassem em prol de uma discussão maior em relação ao REUNI."



Paulo Afonso Burmann, 49, professor do departamento de Odontologia Restauradora do CCS

"Desde o início, que nós soubemos desse processo de interdição da manifestação no campus contra o REUNI, fomos de imediato contrários, porque no nosso entendimento significa um retrocesso do processo democrático bastante importante. Exatamente num momento em que os espaços democráticos começam a se consolidar, isso representa um

retrocesso. Eu diria que nem nos pesados tempos da ditadura militar nós tivemos esse tipo de interdição à manifestação, em especial a dos estudantes. Nos anos 70 eu fiz política estudantil e não me recordo nesse período ter sofrido uma ato tão arbitrário quanto esse que nós presenciamos na aprovação ao REUNI".

(\* Ver mais detalhes sobre essa polêmica nas pág. 02 e 03)

## ELES DISSERAM

"Era evidente, há tempos, que a cidadania cansou de pagar tributos". (Ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, sobre a derrota da CPMF, na Zero Hora de 14.12.2007)

"O maior prejuízo ficou para uma área muito sensível para a população brasileira, que é a saúde". (Guido Mantega, ministro da Fazenda, na Zero Hora de 14.12.2007)

"Uma diarréia de emendas". (Vereador Vilmar Galvão (PT), sobre emendas de vereadores ao orçamento municipal). "Falo caganeira mesmo". (Vereador João Carlos Maciel (PMDB), também sobre o assunto emendas).

(Frases publicadas no sítio do jornalista Claudemir Pereira - [www.claudemirpereira.com.br](http://www.claudemirpereira.com.br), em 14.12.2007)